

Enformação da narrativa em *Grande Sertão: Veredas* e Tucídides*

Breno Battistin Sebastiani^a

Resumo

O ensaio discute três procedimentos de enformação da narrativa comuns a Riobaldo e Tucídides: a entrevisão da pausa para a reflexão lúcida, a interrogação fundante e a indeterminação da multiplicidade. Examinando suas articulações em cada narração, a discussão espera contribuir para o entendimento de uma pelo da outra e para a formulação de uma teoria da narrativa textual que ressalte e orchestre aportes da historiografia para a ficção e vice-versa.

Palavras-chave: Tucídides, Grande Sertão: Veredas, Teoria da Narrativa.

Recebido em 29 de julho de 2015

Aceito em 20 de março de 2016

* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

^a Professor doutor de Língua e Literatura Grega do DLCV-FFLCH-USP, sebastiani@usp.br.

Apresentaram-me a uma moça grega, que veio a Paris estudar cinema. Moça, digo, pela idade aparente. Porque é casada. Senhora Kórax, ou Hiérax, ou Skolópax; só sei que um nome de ave. Porém seu prenome é Ieoana. De começo, brincou de não dizê-lo:

– ... Ainda se fosse Fríni, ou Khlói, autênticos nomes helênicos...

– Cloé... Frinéia... Beijocléia...

– Que diz? É em sua língua? É belo. Soa-me ainda mais grego...

(G. Rosa, Do diário em Paris)

Um exame comparativo centrado apenas nas diferenças entre as narrativas de *Grande Sertão: Veredas* e Tucídides seria desnecessariamente astigmático se ignorasse que, mesmo não havendo qualquer indício de interesse em Tucídides por parte de Guimarães Rosa, ambos se encontram e estimam numa terceira margem. É precisamente em decorrência do abismo cronológico e intencional entre os dois; dos distanciamentos e ressalvas contra ficção e história por parte de cada um alternativamente¹; e das fortuitas semelhanças formais manifestas entre seus textos² – em uma palavra, do isolamento aparentemente absoluto de um em relação ao outro – que se faz possível a visualização dessa terceira margem, a dos procedimentos de enformação narrativa, por demais semelhantes se não idênticos. É pelos modos de produção das próprias narrações que os narradores primários Tucídides e Riobaldo podem ser comparados. Trata-se de pensar a narrativa antes como prática social discursiva partilhável que como resultado textual³.

Este ensaio de hermenêutica internarrativa se propõe a identificar e discutir três procedimentos ou modos⁴ explicitados por ambos os narradores: a entrevisão da pausa para a reflexão lúcida, a interrogação fundante e a indeterminação da multiplicidade. Compreender suas articulações em cada narração, mais do que iluminar o entendimento de uma pelo da outra de modo a ampliar as possibilidades de leitura de ambas, é contribuir para a formulação de uma teoria da narrativa textual que ressalte e orquestre aportes da historiografia para a ficção e vice-versa.

¹ Todas as notas no fim do texto.

Pausa e lucidez

Péricles, Diodoto e Hermócrates primam, na narrativa de Tucídides, por uma mesma habilidade intelectual distintiva, a de refletir com serenidade em situações extremamente delicadas e resguardar a própria lucidez contra pressões desintegrantes. Tal habilidade foi decisiva nos momentos em que empenharam a palavra: Péricles, no início da guerra; Diodoto, ao opor-se à proposta genocida de Cleão; e Hermócrates, face à ameaça de invasão e submissão da Sicília.

Tendo já incitado os atenienses a não ceder ante os lacedemônios (Th.1.140.1) e vendo seu abatimento e insatisfação após os primeiros enfrentamentos, Péricles não convoca assembleias para não se ver alvo da cólera represada, enquanto “mantinha a máxima calma (*hesykhías*) que podia”⁵. Após a segunda invasão peloponésia e a peste, descontentamentos e tensões se acirram ainda mais. Péricles então se dirige à assembleia em tom conciliador e orientador (Th.2.59). E logo ao início do discurso, define a própria postura: “permaneço o mesmo e não me altero; vocês se transformam” (Th.2.61.2). Ao fim da apreciação sobre o estrategista que mais admirava, Tucídides ajuíza: “ele controlava a multidão com liberdade, antes conduzindo-a que por ela conduzido” (Th.2.65.8). Tais ocorrências indiciam um conjunto de atributos orientados numa mesma direção: serenidade, estabilidade e autonomia decisória. Qualificativos semelhantes são atribuídos também às outras duas personagens.

De saída Diodoto arrosta Cleão, denunciando de modo cortante a falácia sobre a qual se estruturava a proposta de extermínio de todos os mitilênios: “penso que os dois maiores empecilhos a um bom conselho são a pressa e a cólera” (Th.3.42.1). E conclui o discurso pedindo que os atenienses “julguem com serenidade” (*kath' hesykhían* – Th.3.48.1), punindo apenas os culpados com vistas a seu próprio interesse. À argúcia do exórdio vem coroar a ponderação do epílogo; o que era atributo de um homem é alçado a planejamento dos futuros interesses políticos do império⁶.

Hermócrates, por fim, ao advogar a necessidade de união dos sicilianos em uma causa comum contra os atenienses, interpela a audiência: “não creem que, em caso de vantagem ou contratempo, a tranquilidade (*hesykhían*), mais do que a guerra,

anularia este e resguardaria aquela?” (Th.4.62.2). Dos interesses em jogo numa circunstância, o discurso de Hermócrates parece alçar-se a outra bem maior, se não total ou definitiva: a paz como símbolo e garantia da própria existência.

Sem pressupor nessas circunstâncias gradações intencionalmente sobrepostas à noção-chave de *hesykhía* que a todas perpassa, é evidente que não apenas tais passos, como a obra mesma de Tucídides, ressaltam por contraste a operação nuclear para a compreensão do fenômeno da *kínēsis megíste* (Th.1.1.2), a Guerra do Peloponeso narrada⁷: a con(cen)tração ativa de um mo(vi)mento em que a lucidez passa a envolver e orientar o então obscuro, em que a serenidade reflexiva se torna capaz de criar sentidos em meio à agitação caótica da realidade. Por outras palavras: Tucídides capta, em três agentes peculiares, a emulação do princípio e meta visados por sua própria narrativa (*tò saphès skopeîn* – Th.1.22.4), o exame sereno e lúcido da realidade. Contra o fundo caótico da guerra, dos ímpetos imponderados e enviesados, e de todos os demais tipos de potências desintegrantes⁸, é da ação meditada, provisoriamente estabilizada e estabilizadora, que dimana alguma orientação.

À parte os matizes e graus que se interpõem entre estabilidade lúcida e agitação inconsequente, é mais fecundo para a compreensão de Tucídides examinar como a lucidez atribuída aos estrategos no conflito reverbera a do próprio historiador no ato de construir a narrativa, bem como a qualificação dessa lucidez, porque distinta conforme pensada nos âmbitos político-militar ou historiográfico. Tal exame afasta de imediato um equívoco recorrente. É usual e fomentada a equação ética entre lucidez e beleza, ordem, bondade ou demais valores de matiz positivo. A lucidez de Pércles, entretanto, implicou diretamente a eclosão da “maior agitação” até então jamais vista “entre gregos e bárbaros e na maior parte do gênero humano” (Th.1.1.2). A serenidade de Diodoto, por sua vez, demarca nitidamente o pragmatismo político que resguardaria os interesses dos próprios agentes punitivos, os atenienses⁹. E a paz advogada por Hermócrates, longe de propor um ideal ou meta ampla e irrestrita, pouco avança além do imediatismo (i.e., a salvação dos sicilianos – Th.4.62.2) conotado pela forma mesma de sequência de interpelações que o indicia. Entre a ética política do contexto de guerra e a do

fazer historiográfico dela há muito apartado, há suplementação e entrecruzamento de sentidos, não univocidade.

Se a serena lucidez de Péricles implicou diretamente a eclosão da guerra, mais problemática ainda é sua imitação, se não paródia lúgubre, por parte de Cleão, que teria retomado quase *ipsis litteris* as palavras do antecessor¹⁰ para argumentar pela proposta genocida contra a qual se erguerá Diodoto. Um mesmo argumento, agora deformado pela imitação servil e tão desintegradora quanto o ambiente hostil da guerra em que se insere. O mesmo se entrevê no momento em que Diodoto aponta pressa e cólera como empecilhos à boa decisão: Diodoto ataca precisamente um (de dois) temas nucleares do adversário, que havia pressionado os atenienses a “não mudar de resolução” (Th.3.40.2; HORNBLOWER, 1991, p. 432). A mudança, tida então por benéfica ao menos para os próprios atenienses, contrariava as intenções do “mais violento dos cidadãos” (Th.3.36.6). O mesmo também se entrevê na tranquilidade advogada por Hermócrates, antes precondição para a ação sobretudo militar que ideal a ser alcançado e cultivado. Idêntico fenômeno já havia sido notado por Tucídides em outra ocasião, quando atribuiu à percepção dos coríntios antes da guerra, em suas queixas contra os lacedemônios, precisamente a inoperância espartana face à operosidade dos atenienses (Th.1.70.8-71.1). Operosidade cuja faceta proveitosa à guerra ressoa poderosamente bem ao centro do *Epitáfio* pericleano: “por excelência, opomo-nos à maioria: não porque passivamente, mas porque agindo conquistamos aliados” (Th.2.40.4). A guerra, como a vida na *pólis*, destoam do ideal aristocrático da *hesykhía* (EDMUNDS, 1975, p. 87). Porque um valor passível de relativização, quando mo(vi)mento de con(cen)tração criadora a lucidez serena é excepcional mesmo na boca daqueles que, por ela distinguidos, respondem pela mais sólida ancoragem no real da escritura tucidideana.

É, pois, nesse específico mo(vi)mento, o que possibilita a agência criadora excepcional, que se faz patente a homologia situacional de ambos os narradores, Tucídides e Riobaldo, dois ex-comandantes há muito afastados do torvelinho da guerra na ocasião em que narram:

O mesmo Tucídides de Atenas descreveu tais eventos em sequência, conforme cada um ocorreu ao longo de verões e invernos, até que lacedemônios e aliados puseram fim ao

império dos atenienses e capturaram os grandes muros e o Pireu. Nesse ponto o total de anos da guerra foi de vinte e sete. [...] Estou sempre lembrado (*mémnemaí*) de que, desde o início da guerra até o momento em que terminou, muitos diziam que ela deveria durar três vezes nove anos. Vivi-a toda em idade de plena posse de minhas faculdades e podendo aplicar meu entendimento a conhecer qualquer coisa com exatidão (*hópos akribés ti eísomai*). Ocorreu-me ser exilado de minha pátria por vinte anos após a estratégia em Anfípolis; e, tendo-me imiscuído nos assuntos de ambos os lados e não menos nos dos peloponésios devido ao exílio, compreendê-los ainda mais com calma (*kath' hesykhían*) (Th.5.26.1; 4-6).

Contrastam com o restante da obra o acúmulo de formas em primeira pessoa¹¹ e o tom memorialista, a sugerir um balanço da própria vida de vasta abrangência definido por balizas fundamentais e sumárias: vivência de toda a guerra, conhecimento de ambos os lados em conflito e possibilidade de meditar serenamente. O olhar transita livremente por temporalidades e estados íntimos distintos, sem descolar-se dos problemas do presente que ainda incomodam o narrador. As parcas informações biográficas dadas à vista são esquivas e impessoais, calculadas para conferir credibilidade à autoridade (*êthos*) do escritor antes que para descrever-lhe a personalidade (DARBO-PESCHANSKI, 1987, p. 136-7). O olhar de Tucídides, ainda quando demorado sobre si mesmo, intencionalmente não faz assomar uma personalidade ao primeiro plano da narrativa: é apenas e precisamente sua condição pública de autor e personagem, não a de indivíduo privado, que é oferecida ao exame público (Marc.23-26, 46-47; *Vit.Thc.Anon.3*; BURNS, 2010, p. 9-10).

Assim como Tucídides, exilado de Atenas em decorrência do próprio fracasso como estrategista, encontra na escrita da história o sucedâneo mais digno para a atividade que não pode mais desempenhar (SEBASTIANI, 2014), Riobaldo, igualmente ex-combatente narrador, empenha o tempo livre facultado por sua atual condição social para reconstruir as próprias vivências. A condição para refletir e contar é precisamente a mesma que dá ensejo à escrita de Tucídides: a serenidade alcançada e resguardada mas jamais desligada das antigas inquietações. Ambos, Tucídides e Riobaldo, narram uma suposta objetividade do testemunho que, por sua vez, escancara a subjetividade da testemunha, cuja apresentação

sempre apresenta também a impossibilidade de apresentar, numa busca por renovação mediante o discurso que enfrenta tanto o impossível quanto o necessário¹². Então “de range rede” e “quase barranqueiro”, Riobaldo reconstrói para o “senhor” a própria trajetória após a voragem dos anos. Na ânsia por aliviar a sensação de exílio e perplexidade ante o caos enigmático da existência (GERSEN, 2009, p. clxx e clxxv), interroga:

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura (p. 203).

A longa reflexão divide ao meio a travessia¹³. Riobaldo constata, é verdade que bem por outras razões, o valor do “descanso na loucura”. Se, porém, as razões exorbitam da política para a pletera da dúvida generalizada, o âmbito sinalizado pelo descanso é precisamente o mesmo em que Tucídides enxerga a si mesmo e a algo dos referidos estrategos: o mo(vi)mento de con(cen)tração ativa em que a serenidade reflexiva consegue recriar, atribuindo sentidos, a trajetória pregressa, isto é, o mo(vi)mento de pausa na “loucura” da guerra e da própria vida para reavaliar, narrando, o passado e o presente. “Aumentar a cabeça” é a presentificação mesma do procedimento, se não da narrativa: do cotidiano da jagunçagem até o problema do amor e da inquietação metafísica e existencial, o que Riobaldo indicia é a ponderação meditada “nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar” que acabará por enformar o livro inteiro. O “descanso” forjado na, e pela, narrativa, concentra num mesmo ponto, entrecruzando linhas mestras, os principais dilemas do narrador que a sequência imediata explicita:

Deus é que me sabe. O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. Diadorim e Otacília. Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucúia, mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho. Ouvindo uma violinha tocar, o senhor se lembra dele. Uma musiquinha até que não podia ser mais dansada

– só o debulhadinho de purezas, de virar-virar... Deus está em tudo – conforme a crença? Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo. Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez. Como é que se pode pensar toda hora nos novíssimos, a gente estando ocupado com estes negócios gerais? Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. *O demônio na rua...* Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor. (p. 203)

A ponderação culmina em lucidez plena, a percepção serena da equivalência entre existir e não existir realçada pelo não saber e pela relatividade da percepção¹⁴. A “paridade” do pensamento, a capacidade de atravessar os mais distantes polos de significação atentando para o permanente devir que entre eles transcorre em cômputos permanentes, solapa por implicação qualquer certeza que possa vir a ter o narrador, intermediário de olhar sempre móvel. A lucidez na maturidade escancara o anseio por clarividência de quem reconstrói a própria trajetória. A capacidade de resguardar a própria serenidade *em meio* ao torvelinho da existência é tão somente a condição primeira para a busca de esclarecimento sobre o passado, para o olhar da memória voltado para trás como para diante¹⁵. Riobaldo fala *de* algo que, por sua vez, também demonstra na prática no exato momento em que o exercita, ciente de que essa operação é basilar mas jamais definitiva.

Nessa reflexão, a ficção rosiana evidencia um ponto comum – um cômputo – com a mimesis tucidideana¹⁶. Como “resposta oblíqua a uma certa configuração do real”¹⁷, a ficção entrelaça o horizonte de possibilidades em que o “descanso” pode ser compreendido ao de problemas, pessoais e político-militares, vivenciados pelo narrador. A mimesis tucidideana possibilitada pelo mo(vi)mento de *hesykhía* realiza-se dentro de semelhante entrecruzamento, ora sublinhando o valor de um estrategista por sua maior ou menor¹⁸ capacidade de perseverar coerentemente nas próprias resoluções, ora problematizando a condição do narrador no, e pelo, ato mesmo de sua escrita. A despeito do gênero e do mo(vi)mento em que são enformadas ficção e mimesis historiográfica, a percepção ou a construção da pausa espaço-temporal anunciada por *hesykhía* e descanso enforma a condição de possibilidade das obras mesmas, isto é, indicia a abertura no interior da qual

podem ser problematizados os análogos desdobramentos decorrentes deste e daquela – a possibilidade de narrar com lucidez. Ficção e mimesis contribuem uma para com a outra não necessariamente por eventuais relações sinedóquicas (figurativa ou processual) entre si, mas sobretudo pela sinalização de um “objeto transicional” em cujo interior o instável, o diferente e o contraditório podem ser compreendidos.

Assim como em Tucídides, também no GSV o mo(vi)mento de pausa criadora é excepcional, pois outros há que não a conjugam com lucidez como na reflexão precedente, ou não o fazem plenamente, ou desencadeiam efeitos adversos. Três exemplos notórios são suficientes. Na travessia do São Francisco junto do Menino, é este quem permanece calmo e lúcido todo o tempo, não o narrador, sobressaltado com angústia, pavor e vergonha a ponto de só recobrar lucidez e coragem *após* vivenciar as alheias – e isso ao tempo da narração, não necessariamente do narrado¹⁹. O mo(vi)mento do pacto é silêncio sem descanso nem lucidez – muito ao contrário. Riobaldo é tragado pela dúvida e desnorsteio, vindo a retomar algum fio de pensamento apenas quando de volta ao acampamento²⁰. E, no Paredão, a espera e o isolamento são vividos sem descanso, o desfalecimento sem questões e, por fim, a lucidez sem remissão ante a morte e o reconhecimento do corpo de Diadorim²¹.

Riobaldo reexamina a própria trajetória em decorrência do cômputo sinalizado pela serenidade presente face ao torvelinho pretérito. Também Tucídides, detentor das minas da Trácia vencido e banido da pátria, empenha o tempo que resta para compreender problemas que ainda o atormentam, como a ruína da própria Atenas. Ambos se mostram homens vergados de vivências que precisam exprimir e narram em decorrência do fracasso, eles que tiveram na vida a mestra da narrativa, em paradoxal situação de autonomia (narradora) impotente (para outro agir) deflagrada pela clarividência que não puderam, ou não souberam, manifestar no mo(vi)mento decisivo. Em duas narrativas que têm no movimento seu integrante fundamental, a pausa criadora se abre como exceção necessária contra a aporia sufocante do caos e da inação. Criadora, jamais ociosa ou parasitária, a pausa é por ambos fecundada como recusa ao esquecimento e reconstrução da

lembrança – aumento da cabeça e detecção do problemático, não apenas fruição nostálgica.

A interrogação fundante

Tucídides e Riobaldo trabalham, na *hesykhía* ou descanso, a interrogação que funda e fundamenta a efetiva busca de entendimento dessa nova situação. Ambos combatem o vazio do exílio com a proposição de um saber nascido da rememoração tão incessante quanto cautelosa²². Uma mesma questão atravessa tanto o GSV, que a todo instante a tangencia²³, quanto a narrativa de Tucídides, que por outras palavras a aponta como procedimento nucleador. Sua formulação explícita e sintética se encontra na estória “O espelho”: “o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: – “*Você chegou a existir?*” (p. 451; itálicos e aspas no original)²⁴. Tucídides tem por problema central a busca da verdade (*zétesis tês aletheías* – 1.20.3)²⁵ inseparável de sua habilidade ajuizante (1.22). A busca da verdade da existência dos narradores orienta ambas as narrativas, elas mesmas a verdade e existência legadas como linguagem. Busca que exprime, pelos diferentes gêneros e intenções enformados, um segundo procedimento de mimesis criadora. Assentados em um ponto de vista a todo tempo conscientemente exterior mesmo em relação a si próprio, permanentemente alerta ao devir e dramaticamente irônico, ambos os narradores “exploram o intervalo entre intenções e efeitos” por meio do reexame constante das próprias memórias e das atitudes alheias, sendo ironia buscadora a dramática ou socrática diante da absoluta maioria das manifestações da vida, fadadas a desaparecer esquecidas. Em outros termos, a atitude assumida pela lucidez clarividente no enalço do que tem por verdade²⁶.

Tais questões, porém, para além dos problemas não pequenos que já as sobrecarregam por seus próprios termos de labilíssima abrangência, atrelam, em ambas as narrativas, os fenômenos a serem investigados à habilidade ajuizante do investigador. O exame deste problema é mais fecundo que o daquele. Tucídides condiciona a verdade a ser alcançada ao filtro de seu meticuloso questionamento, recusando-se a aceitar o alheio sem prévio exame²⁷. Riobaldo, por sua vez, vai ainda mais além, reelaborando seguidas vezes as próprias

memórias narradas já uma primeira vez a Quelemém, então novamente ao “senhor”. A potência criadora do jagunço letrado testa a si mesma no doutor da cidade assim como o ex-estratego recusa com independência versões oficiais, correntes, perecíveis ou ilusórias do real.

Logo à primeira vez em que Tucídides a evoca, a verdade exprime um mo(vi)mento investigatório meticulosamente pensado como diferenciador contrastivo que aprofunda percepções já na ação mesma de distanciar-se. Tal mo(vi)mento se aparta respectivamente das tradições orais, da incúria, da ignorância, do esquecimento, da incorreção, do descuido, da precipitação, do equívoco, dos relatos de poetas e escritores, da apreciação impressionista e do fascínio (Th.1.20-22)²⁸. Em uma palavra, Tucídides contrapõe a verdade encontrada ao senso comum, à credulidade e ao exame negligente: “tão descuidada é a busca da verdade para a maioria, mais inclinada ao que está à mão” (Th.1.20.3). Tão incisivo e minucioso distanciamento não é fortuito: tais elementos, atitudes e personagens são referidos como potenciais pretendentes a frequentar, se não a ocluir, o âmbito de *alétheia*, consolidando um determinado viés que impediria o acesso ao real. Seriam potenciais agentes de fechamento, estagnação ou obscuridade. E são rechaçados porque somente pretendentes, porque de fato não alcançariam aquele âmbito visado pelo historiador, não o tocariam, nele não habitariam ou dele não sairiam, ao contrário do que, por implicação, seria o caso do autor e da obra que desponta.

O emprego da formulação linguística negadora e tradicional (*a-létheia*) reforça a sugestão de disjunção, exclusividade e peculiaridade, descortinando um pouco do que não é sem, porém, revelar o que eventualmente seria. Sinalizando ausência e privação antes que um objeto, a formulação libera o pensamento para dela deslocar-se rumo ao que *nela* (isto é, no rastro do mo(vi)mento dela) ficaria exposto a exame. Dois sentidos são inicialmente detectáveis já na ocorrência da formulação. O primeiro, de fora para dentro, isto é, de exame, apreensão e meditação do real, é construído pelo narrador. O segundo, inverso, isto é, de reflexão e (re)criação, fica a critério do leitor-investigador. *Alétheia* exprime, assim, a mediação em que se poderiam comunicar narrador e evento, narrador e narradores, narrador e narrativa, narrativa e leitor²⁹,

fazendo da “*mimesis* configuracional, mobilizada pela escrita o elo entre o olho do historiador e a visão interior do leitor”³⁰.

Se a realidade tangenciada, e por isso transgredida, pela ficção rosiana irrealiza o real, o imaginário que Tucídides submete a penosa configuração (*epipónos dè heurísketo* – Th.1.22.3) perde seu caráter difuso realizando-se em narrativa historiográfica igualmente transgressora³¹, ao verter a narrativa em linguagem marcadamente pessoal, ao apartar-se sistematicamente de quaisquer eventuais predecessores e coetâneos, e ao empenhar-se meticulosamente para eliminar do texto tudo o que entendesse por equívoco ou mentira. Em ambos os casos, a ironia da pergunta pela verdade decorre da lucidez prévia e exige análogo empenho do leitor ansioso por acompanhar seus desdobramentos.

Também Riobaldo desde o início põe em alerta o ouvinte/leitor contra a fruição ingênua, confiada ou inepta de sua narração, exprimindo claramente distanciamento e habilidade investigativa – farejadora – em busca da ideia própria:

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Divêrjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! (p. 12).

Do mesmo modo, sinaliza ao ouvinte/leitor a necessidade de empenho igual ou superior para vencer a dificuldade ainda maior de enfrentar também aquelas que já o são para o próprio narrador:

O senhor sabe?! não acerto no contar, porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carôço, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumozinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. As vezes não é fácil. Fé que não é (p. 115-6).

Narrar, elaborar a própria verdade, é tão árduo quanto a própria vida para quem “erige o texto como espaço privilegiado, lugar da verdade, da clareza, da coerência, de tudo aquilo a que a razão aspira enquanto se debate na desordem do existir”

(GALVÃO, 1986, p. 88) e, crescente-se, move-se de um polo a outro sempre ciente da precariedade de cada um deles:

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado (p. 121).

O intervalo da lucidez serena sustenta o efeito que a interrogação fundante almeja trazer cuidadosamente à luz: como alcançar a verdade e *fazer ver* o narrado³², meta a mais cara tanto a Tucídides (“quantos desejarem examinar o que do passado é evidente [*tò saphè̃s skopeîn*] e que há de ser igual ou semelhante no futuro, segundo a humanidade, isso bastará para distinguir a obra como útil” – Th.1.22.4), quanto reiterada pelos decalques do exponencialmente significativo “mire veja” de Riobaldo. É precisamente nessa ambição que se evidencia como “a história não se desvencilha, radicalmente, do que poderia ter sido” (LIMA, 2006, p. 385), assim como tampouco a ficção deixa de tocar o mundo (*idem*, p. 225)³³.

Fazer ver é fazer (re)viver o ausente pelo narrador, tão dono absoluto do passado quanto impotente na posse do que sabe, e sobretudo pelo leitor. Ambos, Tucídides e Riobaldo, se mostram homens devastados pela dúvida e pela incerteza decorrentes da perda de quase tudo o que lhes fora mais caro em vida. São sobreviventes ao naufrágio das próprias expectativas e que porfiam com o passado pelo futuro. Daí a desconfiança e o empenho obsessivos de ambos, sempre fundeados no original questionamento, em converter possibilidades de pausa e clarividência em mo(vi)mentos para aquisição de um mínimo de certeza sobre o passado e o presente. A Atenas vencida por Esparta, cuja antiga pujança personificavam duas de suas mentes mais lúcidas e decisivas, Péricles e Diodoto, elocutores das falas talvez as mais clarividentes da obra; e a melancolia de Riobaldo transpassado pela saudade e pela culpa (GALVÃO, 1986, p. 132), cuja “tentativa de ‘repor Diadorim em vida’ descreve no mapa a figura do infinito” (BOLLE, 2004, p. 258) – ambas as re-vivências ou re-visões concentram para o leitor o que há de mais transgressor nas duas narrativas: a

aspiração à verdade a um só tempo única e tangível a despeito de qualquer obstáculo material ou humano, aspiração refratária a toda forma de senso comum e negligência crédula, num desmedido esforço por clareza (Th.1.22); e o anseio por re-presentificar, por não deixar efetivamente morrer aquilo que o tempo tenta irremediavelmente tragar da memória, numa batalha sempre desigual porque infinita. Partindo do possível e existente, cada um se empenha pelo impossível apoiado numa questão análoga à do outro.

A indeterminação da multiplicidade

Como desdobramento maior da busca da verdade existencial, ambos os narradores exprimem também logo de início o anseio de perenidade e triunfo sobre os efeitos do tempo, isto é, de totalização da experiência narrável, assim sinalizando o terceiro procedimento comum à narrativa de ambos. Se a pausa é condição e a interrogação é movente, a indeterminação é tentativa de preenchimento da abertura entrevista. Anseio e tentativa, isto é, esforços sem garantia nem efetividade de concretização, (des)enformam narrativas que se mantêm permanentemente abertas e potencialmente infinitas.

Tucídides é explícito: “quantos desejarem examinar o que do passado é evidente e que há de ser igual ou semelhante no futuro, segundo a humanidade (*tò anthrópinon*), isso bastará para distinguir a obra como útil. Ela foi composta como aquisição perene (*ktêmá te es aiei*), mais do que como declamação de circunstância” (Th.1.22.4). Múltiplos por excelência são a agência humana e o tempo sempre imbricados. A fundamentação do “elemento humano” ou “natureza humana” é preocupação constante de Tucídides e reaparece em outros passos-chave³⁴. Mas ao contrário do que uma leitura isolada ou apressada de Th.1.22.4 poderia sugerir, a associação, nesses demais passos, de *trópos* e *phýsis*, vocábulos que conotam atividade, a distintas temporalidades e formas de poder, evidencia antes transição e movimento que um referente fixo ou imutável. A perenidade do devir do “elemento humano” almeja ancorar na eternidade a valia gnoseológica da obra, um *ktêma* ou “bem para sempre” indeterminante que é fruto do exame do indeterminável³⁵. E culminam, ainda, na total imprevisibilidade desse devir as obscuras manifestações do

acaso, a um só tempo esvaziado de intenção e esvaziante, que Tucídides por vezes identifica em episódios decisivos como o da ocupação de Pilos (4.2-14), narrado de modo a sugerir a mais casual das ocorrências³⁶. Acaso que, não raro, entreabre novas pausas para novas questões, tal qual na ocasião em que Tucídides chegou tarde a Anfípolis, que Brasidas acabava de ocupar (Th.4.106.3), ou quando “de repente” Riobaldo viu “um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro” (p. 68)³⁷.

Logo às primeiras páginas, Riobaldo cunha a fórmula que, com pequenas variações, ponteará toda a narrativa: “[q]ue o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor – compadre meu Quelemém diz. Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...” (p. 9). Superando heracliteamente as leis da lógica formal; alçando-se da questão pontual e íntima para o ouvinte, e deste para o mais universal existente³⁸, Riobaldo enuncia ao mesmo tempo o tema e a extensão do próprio discurso: a infinitude incontornável, isto é, o mal íntimo e exterior, o sofrimento, o amor, o além, a vida pacata, a cabeça que aumenta. O acaso campeia, por vezes decisivo, desde o apólogo da mandioca doce que vira azangada. A narração transcorre livre sob ardilosa aparência de aleatória, infundindo ou esvaziando sentidos conforme a forçosa determinação que o narrador exprima, não a que eventualmente algum objeto ou personagem se lhe imponha³⁹. Também Tucídides, quanto mais esmiúça o “elemento humano” em suas diversas e distintas agências, tanto mais amplia o mapa de possibilidades que a leitura fomenta: quanto maior o *ktêma*, tanto mais livre a ação e o entendimento humanos.

O que poderia preencher cada narrativa decorre da homologia existencial de seus narradores. O amor por Diadorim e Otacília, o apreço pelos antigos companheiros, pelo compadre Quelemém, as (inde)cisões entre deus e o demônio, a aversão a Hermógenes, por exemplo; e a admiração por Péricles, Diodoto⁴⁰ e Hermócrates, além do próprio empenho em recriar-se como narrador após o fracasso militar que o baniria definitivamente da vida política, sinalizam polos em torno aos quais se movem os referidos procedimentos. Polos e procedimentos dialetizam a construção de sentido impulsionada pela relação entre as ações de narradores e personagens. Nenhum dos narradores é concebível sem as personagens mencionadas; são delas, mais

do que de qualquer outro integrante, que dimanam os sentidos rastreáveis em cada narrativa, de modo que o narrador, ao mesmo tempo que os imprime, também os persegue de olho na verdade que dá a ver. São as personagens, por outras palavras, que enformam a verdade indeterminada e tangível de suas narrativas. As pausas que descortinam, como os mo(vi)mentos que ensejam, cavam poros pelos quais verdade e ficção se tocam e articulam, mutuamente contribuindo seja para a ancoragem no real vivido, seja acenando a horizontes de sentido para a compreensão atenta.

Indeterminados nas duas narrativas, porém, não são apenas seus integrantes explícitos. Quanto maior e mais complexa a trama, mais dilatados os silêncios que dá a ler. Mais do que aquilo que afirmam, Tucídides e Riobaldo contribuem para “uma avaliação do que está presente no texto pelo que dele se ausenta” (LIMA, 2006, p. 286, retomando W. Iser). Quando escreve que *epipónos dè heurísketo* (Th.1.22.3), e quando atribui a Péricles uma constatação análoga no próemio do *Epitáfio*⁴¹, Tucídides acentua apenas as dificuldades inerentes à reconstrução discursiva, jamais as soluções mediante as quais as superou (PIRES, 1998). E Riobaldo, num mo(vi)mento de extrema con(cen)tração lúcida e ávida após o encontro com o Menino, insiste: “[o] sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sério é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei -: eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome” (p. 72)⁴². Tamanha insistência e cautela só adquirem sentido na dialética permanente da recepção, culminando no leitor que visualiza nomes e coisas o processo de indeterminação do múltiplo real ou fictício. A única determinação a ambos imposta, que narradores e leitores podem computar como irremissível e exata, continua sendo a morte.

Ambas as narrativas se abrem para o leitor como convites a que leve a cabo e atualize a transgressão das múltiplas indeterminações que descortinam ante seus olhos, suplementando o potencial do silêncio, do não dito e da linguagem pelo sentido a ser atribuído. A multiplicidade, por outras palavras, é gerada pelo texto mas nele não confina. Legando ao leitor não só o evidente da linguagem como ainda o vazio formal a ser interpretado, ambos os narradores

constroem também novas pausas para leituras criadoras capazes de empenhar um esforço no mínimo igual ao da primeira criação, assim mantendo viva e livre a espiral análoga à própria vida. E a narrativa, meio de encontro e labor, silêncio e travessia, universaliza a precisão do olho criador. Por um capricho do acaso, Tucídides faleceu antes de concluir a obra; e, não por mero capricho do autor, o leitor é insistentemente solicitado por Riobaldo a examinar o que é e não é.

Cômpito

Ao notar como a pausa acumula energia que, disparada pela questão fundante, constela a abertura narrável, os narradores evidenciam a própria estima pela vida movente em permanente diferenciação, sinalizando aos leitores como abrir novas possibilidades de prosseguir no mesmo empenho pela atenção à narrativa em si. Sem qualquer sinal de fadiga, fastio ou aversão pelo humano, ambas as narrativas presentificam-se como respostas fecundantes para os problemas perenes da existência e da verdade ao optar pela abertura e não por limites, pelo problema e não por sentenças, pelo constelamento e não pela atrofia. Da habilidade em examinar o caos à questão que a norteia, e desta à coordenação de diferenças num todo que se equilibra sobre indeterminações via de regra fortuitas, enformar a narrativa revela-se um modo peculiar de integrar-se ao ciclo da vida. Empenhar-se por pensar o instável, con-viver e com-preender o múltiplo em sua diferenciação, conscienciosos face às limitações inerentes à apreensão humana, é a resposta fecunda de ambos os narradores ao problema que não dissocia viver e narrar. Os procedimentos de enformação narrativa, únicos e mínimos invariantes ao longo da narração do sempre variável, são convertidos em meios de informação do leitor – nos dois sentidos de formação interior e questionamento da forma. A irrealização da abertura convertida em realização pela questão fundante transgride, compreendendo, a diferenciação ao fim e ao cabo aleatória: na trajetória da pausa à questão e desta à superação desenha-se a espiral da vida como mestra da narrativa⁴³. A pressuposição contrária via de regra se fecha para o sublime que exorbita da prescrição: “do que se difunde ao acaso, como poeira, o mais belo é o cosmo”⁴⁴.

No plano da narrativa, a atividade de cada narrador pode ser sintetizada por meio de um exemplo tomado a Platão e projetado miticamente em escala cósmica. Narra o astrônomo Timeu logo ao início da formulação do mito do demiurgo e da criação do cosmo: “ele era bom, e no que é bom jamais surge contra nada malevolência alguma. Vivendo fora dela, ele quis que tudo surgisse o mais parecido consigo mesmo” (29e)⁴⁵. Criação e motivo, como narração e narrador ou leitor, fecundam-se mutuamente. Esse manancial de pura vertência, chamado alternativamente de todo (27c, 29c), demiurgo (28a), pai (28c), artífice (*poietés* – 28c) e divindade (30a), seria a um só tempo personificação do bem em sentido lato (ético, estético, lógico, físico e metafísico), abertura, princípio fundante e universo por excelência⁴⁶, no interior do qual não poderia haver qualquer sinal de malevolência contra nada pois que tudo dele seria parte. Dele e nele tudo manaria sempre. Em escala humana, narradores como Tucídides e Riobaldo emulam tal artífice⁴⁷. Distintas sobretudo pela matéria que cada narrador trabalha, suas narrativas irmanam-se, contudo, pela demiurgia lúcida, investigadora e totalizante, manancial comum de que bebem narradores e leitores. Assim como o demiurgo teria feito de si mesmo devir, também cada narrador transforma o vivido em linguagem, autoconstruindo-se sem malevolência alguma – mesmo a ironia é sempre estímulo. Experimento análogo também vive o leitor. Demiurgos para si mesmos, narradores e leitores forjam um mundo onde possam habitar e acolher quem se disponha a aperfeiçoá-lo. Narrar, porque integra, desafia e atravessa fechamentos; é mo(vi)mento em que a linguagem emula e suplementa a própria vida resgatando-a do mero cômputo de bens e males. Se a narrativa de Riobaldo (in) conclui-se com “travessia”, um acaso pejado de possibilidades entrega permanentemente aberta a obra de Tucídides.

O demiurgo seria o único candidato à *perspectiva* em sentido etimológico, isto é, o de visão ubíqua no tempo e no espaço. Seria, assim, o único agente que não precisaria narrar ou ler nada, por conhecer tudo sempre – único a ser o próprio tempo também por ele criado, que dispensaria respostas por não vivenciar aporias. A nós demais humanos, entretanto, competem as tentativas de enfrentar e entender problemas brotados do que tão facilmente nos escapa. Como, porém, fazê-lo? É ainda Platão quem traça hipóteses sobre

a transposição e a harmonia entre as escalas demiúrgica e humana pelo conhecimento:

[...] quem se dedicou a amar o conhecimento e também aos pensamentos verdadeiros, e exercitou sobretudo essa parte de si mesmo meditando o que é imortal e divino, caso porventura alcance a verdade, é forçoso tomar parte na imortalidade, tal como possível à natureza humana, sem descurar qualquer parte dela, e com a peculiar felicidade de quem sempre venera uma divindade mantendo bem ordenado o nume (*daímona*) que habita em si. Tal veneração é a mesma para todos em tudo: restituir a cada um a nutrição e os movimentos apropriados. São movimentos congêntos com o divino que há em nós as meditações e as circunvoluções do todo. É preciso que cada um as acompanhe e, corrigindo os percursos sobre o devir arruinados em nossas cabeças, mediante o exame das harmonias e circunvoluções do todo, assimile a inteligência ao inteligido conforme sua natureza original; e então, após a equiparação, alcance o fim da melhor vida planejada pelos deuses para os homens quanto ao presente e o futuro (90b-d)⁴⁸.

O empenho de um duplica ao outro, o de dentro ao de fora, o do maior ao menor e vice-versa. Mas o interessante, na hipotética resposta de Platão, é ser ela pródiga em questionamentos que reconduzem aos procedimentos há pouco em exame: de que modo se “acompanha”, “corrige”, “assimila” e “equipara”? Tucídides jamais o explicita, contendo-se nas aproximações que ensaia. E para o narrador de “O espelho”, tudo “é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos” (p. 446). Um mínimo de transposição aparentemente irreduzível à descrição torna toda narrativa também sua própria teoria. Quais seriam os “percursos sobre o devir arruinados em nossas cabeças”, ou como se alcança “o fim da melhor vida quanto ao presente e ao futuro”? Ambos, Tucídides e Riobaldo, responderam narrando, enformando a tão frágil e sublime tensão harmônica de contrários.

Um historiador sensível à permeabilidade da história às demais manifestações do intelecto humano cruzou uma vereda que percebia já entreaberta. Em uma sessão do *Grundriss* intitulada “o trabalho da história para seus trabalhadores”, Droysen escreve que: “o eu empírico e efêmero se relaciona com o Eu em que o filósofo pensa, o artista cria, o juiz julga, o historiador investiga. O universal, o Eu da humanidade, é o

objeto da história. A história é o γνῶθι σεαυτὸν da humanidade, sua consciência” (DROYSEN, 1882, p. 33). Descontados os problemas e limites dessa concepção⁴⁹ e a divinação como método heurístico sugerido pelo próprio Droysen (1882, p. 16), o passo vale para ambas as narrativas, ao exortar o elemento humano livre e aspirante – *daímon?* – a ser princípio e meta dos esforços que empreende. Precisamente aquilo a que tanto Riobaldo quanto Tucídides presentificam e fazem ver: nos termos de W. Iser, uma “heurística da auto-exegese” (2013, p. 29) fomentada por diferentes respostas que ambos manam a cada leitura.

leoana: – *Ah, mon ami, vous êtes platonicien!*

*Sim, é na Pont Neuf que o Sena é mais belo.
Mas onde gosto mais dele é na Pont-au-Change.*

(Do diário em Paris, fim)

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., D. O mundo misturado. Romance e experiência em Guimarães Rosa. *Novos estudos*, São Paulo, n. 40, p. 7-29, 1994.
- BOLLE, W. *grandesertão.br*. São Paulo: 34, 2004.
- BURGER, T. Droysen and the idea of *Verstehen*. *J. Hist. Behav. Sci.*, Toronto, v.14, p. 6-19, 1978.
- BURNS, T. Marcellinus' *Life of Thucydides* translated with an introductory essay. *Interpretation*, New York, v. 38, p. 3-25, 2010.
- COSTA, A. L. M. Rosa, leitor de Homero. *Revista USP*, São Paulo, n. 36, p. 46-73, 1997-8.
- COSTA, A. L. M. Homero no *Grande Sertão*, Kléos, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 79-124, 2001-2.
- DARBO-PESCHANSKI, C. Thucydide: historien, juge. *Mètis. Anthropologie des mondes grecs anciens*, Paris, v. 2, n. 1, p. 109-140, 1987.
- DROYSEN, J. G. *Grundriß der Historik*. 3.ed. Berlin: Veit & Comp., 1882.
- DUBOIS, J. et al. *Retórica geral*. Trad. C. F. Moisés, D. Colombini e E. Barros. São Paulo: EDUSP, 1974.

- EAGLETON, T. *Culture and the death of God*. New Haven; London: Yale University Press, 2014.
- EDMUNDS, L. *Chance and intelligence in Thucydides*. Cambridge: HUP, 1975.
- GALVÃO, W. N. *As formas do falso. Um estudo sobre a ambiguidade no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Perspectiva, 2 ed., 1986.
- GERSEN, B. *Veredas no Grande Sertão*. In: ROSA, J. G. *Ficção completa*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.
- GRETHLEIN, J. The presence of the past in Thucydides. In: TSAKMAKIS, A.; TAMIOLAKI, M. (Org.), *Thucydides between history and literature*. Berlin-Boston: De Gruyter, 2013, p. 91-118.
- HANSEN, J. A. Forma literária e crítica da lógica racionalista em Guimarães Rosa, *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 47.2, p. 120-130, 2012.
- HARTOG, F. *Évidence de l'histoire. Ce que voient les historiens*. Paris: EHESS, 2005.
- HORNBLOWER, S. *A commentary on Thucydides*. 3 v. Oxford: Clarendon Press, 1991-2009.
- ISER, W. *O fictício e o imaginário. Perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. J. Kretschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.
- JAY, M. Historical explanation and the event: reflections on the limits of contextualization, *New Literary History*, Baltimore, n. 42, p. 557-571, 2011.
- JAY, M. Intention and irony: the missed encounter between Hayden White and Quentin Skinner, *H&T*, Middletown, n. 52, p. 32-48, 2013.
- LIMA, L. C. *O romance em Cornélio Penna*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- LIMA, L. C. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- LORAUX, N. Thucydide a écrit la Guerre du Péloponnèse. *Mètis*, Paris, v. 1, p. 139-161, 1986.
- MAZZARI, M. V. *Labirintos da aprendizagem. Pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: 34, 2010.
- PACHECO, A. P. *Lugar do mito. Narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa*. São Paulo: Nankin, 2006.

- PASTA JR., J. A. O romance de Rosa. Temas do *Grande Sertão e do Brasil*. *Novos estudos*, São Paulo, n. 55, p. 61-70, 1999.
- PIRES, F. M. The rhetoric of method (Thucydides I.22 and II.35), *The Ancient History Bulletin*, Northfield, v. 12, p. 106-112, 1998.
- PIRES, F. M. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- PIRES, F. M. Thucydide et l'assemblée sur Pylos (IV.26-28): rhétorique de la méthode, figure de l'autorité et détours de la mémoire. *The Ancient History Bulletin*, Northfield, v. 17, p. 127-148, 2003.
- PLATONIS. *Opera*. 4 v. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- RAAFLAUB, K. A. *Ktema es aiei*. Thucydides' concept of "learning through history" and its realization in his work. In: TSAKMAKIS, A.; TAMIOLAKI, M. (org.), *Thucydides between history and literature*. Berlin-Boston: De Gruyter, 2013, p. 3-21.
- ROCHA, S. L. R. Logos, writing and persuasion in Thucydides' History. PhD Thesis (Philosophy) – Royal Holloway College, University of London, London, 2008.
- RONCARI, L. *O Brasil de Rosa (mito e história no universo rosiano). O amor e o poder*. São Paulo: UNESP, 2004.
- RONCARI, L. *O cão do sertão. Literatura e engajamento. Ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: UNESP, 2007.
- RORTY, R. *Contingency, irony, and solidarity*. Cambridge: CUP, 1989.
- ROSA, J. G. Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason. Edição, organização e notas de M. A. F. M. Bussolotti. Trad. E. J. Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; UFMG; ABL, 2003.
- ROSA, J. G. *Ficção completa*. 2 v. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.
- ROSENFELD, K. H. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- ROWLAND, C. *A forma do meio. Livro e narração na obra de João Guimarães Rosa*. Campinas; São Paulo: EDUNICAMP, EDUSP, 2011.
- SEBASTIANI, B. B. O olhar sobre si mesmo, ou fracasso e lucidez nos textos de Tucídides e Políbio, *Aletria*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 243-255, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/6954/5950>>. Acesso em 1 de janeiro de 2016.

SELIGMANN-SILVA, M. *Grande Sertão: Veredas* como gesto testemunhal e confessional. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 130-147, 2009.

SOARES, M. T. M. *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/18183>>.

SOARES, M. T. M. *Ekphrasis e enargeia* na historiografia de Tucídides e no pensamento filosófico de Paul Ricoeur. *Talia dixit*, Extremadura, v. 6, p. 1-23, 2011.

THUCYDIDIS. *Historiae*. 2 v. Oxford: Clarendon Press, 1967-70.

¹ Deixando-se de lado diferenças e problemas de diversas tentativas de encerramento de história e ficção como discursos do particular e do universal, ou da realidade e da criação, registre-se apenas que ambos os autores manifestaram opiniões peculiares a respeito. De Tucídides, o pronunciamento mais incisivo é este: “[...]talvez o caráter não mitológico (μυθώδης) delas [as ações militares] se mostre pouco agradável à audiência” (Th.1.22.4). De Guimarães Rosa, os seguintes exemplos bastam: “[e] assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor” (“A hora e a vez de Augusto Matraga” – ROSA, 2009, v. 1, p. 250); “[a] estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia” (“A terceira margem do rio” – ROSA, 2009, v. 2, p. 421); “[a] estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota” (“Aletria e hermenêutica” – ROSA, 2009, v. 2, p. 529); “[r]edigir honesto um diário seria como deixar de chupar no quente cigarro, a fim de poder recolher-lhe inteira a cinza” (Do diário em Paris – ROSA, 2009, v. 2, p. 971). W. Galvão (1986, p. 63), W. Bolle (2004, p. 21-6) e L. Roncari (2007, p. 148-9) constata e discutem a presença da história enquanto tema e forma na narrativa de Riobaldo. Em tempo: todas as traduções presentes no artigo são de responsabilidade do autor. O texto grego que a elas serve de base é o de THUCYDIDIS, 1967-70. Todas as menções subsequentes aos textos de Guimarães Rosa foram extraídas de ROSA, 2009, v. 2, daí que as citações refiram apenas a página.

² Dois exemplos bem conhecidos: a referência permanente exercida por Homero no pensamento de ambos: PIRES, 1999, p. 147-276; COSTA, 1997-8 e 2001-2; e o fato de que ambos, Tucídides e Guimarães Rosa, são notáveis pelo trabalho metabólico com a linguagem em todos os níveis (metaplástico, metatático, metasememático e metalógico – para as noções cf. DUBOIS, 1974).

³ A proposta de K. Rosenfield (2006, p. 359) para estudar a matriz formal do GSV poderia sintetizar parte do intento deste artigo: “[c]omo críticos, estamos assim chamados a nos interessar não apenas pela estória enquanto conteúdo, mas pela construção e pela montagem artificiosas: ‘o que é para ser – são as palavras’, isto é, ‘the story of one’s story’, tal como Henry James expressa o problema da mimesis e da matéria vertente”. No caso de Tucídides, a conjunção de narrador e personagem da narrativa – caso também de Riobaldo – implica ainda outros referenciais do “ser” e da “story of one’s story”: as realidades da vivência e da recriação narrativa.

⁴ Embora enunciem algo de difícil apreensão, que escapa ao raciocínio fenomenológico, podem também ser pensados como um “objeto transicional” (LIMA, 2006, p. 289) que irmana história e ficção em sua condição de respostas poéticas à aporia do tempo (SOARES, 2010, p. 203-99). A abordagem ora proposta radica também na “comparação de terceiro tipo”, a qual “não passará de um meio para se precisarem certas vias de acesso ao texto-objeto, sem que se deva ter a pretensão de se haver revelado um sistema” (LIMA, 2005, p. 27).

⁵ Th.2.22.1: δι’ ἡσυχίας μάλιστα ὅσον ἐδύνατο εἶχεν. O passo ecoa, por sua vez, a abertura de seu primeiro discurso: Τῆς μὲν γνώμης, ὃ Ἀθηναῖοι, αἰεὶ τῆς αὐτῆς ἔχομαι (Th.1.140.1).

⁶ Quando da decisão pelo envio da expedição contra a Sicília, Nícias iniciará com argumentos ligeiramente diferentes dos de Diodoto, acusando a necessidade de maior exame e a rapidez da decisão dos concidadãos (Th.6.9).

⁷ O verbo que orienta a formulação inaugural do prólogo entrelaça uma e outra inextricavelmente: ξυνέγραψε τὸν πόλεμον (Th.1.1.1): a narrativa é a própria guerra feita linguagem. Cf. LORAUX, 1986.

⁸ Que efetivamente arrasaram Corcira (Th.3.81-85), por exemplo, ou Melos (Th.5.84-116).

⁹ Na antilogia em que os põe em confronto, Tucídides faz o ardiloso Cleão manipular astuciosamente a verdade, enquanto o clarividente Diodoto se vê forçado a defender o tópos da “mentira útil” (Th.3.43.2), a ser empregada quando em perigo a estabilidade política. S. Rocha (2008, p. 193-212) examina a complementaridade dos discursos à luz das discussões, contemporâneas de Tucídides, sobre realidade e aparência.

¹⁰ Th.3.38.1: Ἐγὼ μὲν οὖν ὁ αὐτός εἰμι τῆ γνώμῃ (cf. n. 2). HORNBLLOWER, 1991, p. 334 nota ainda a sugestão de paralelo com os ecos de Aquiles por Tersites.

¹¹ Exemplos de ocorrências pontuais: Th.1.1.2, 1.20.1, 1.23.5, 2.48.3, 6.55.1-3; e extensa: Th.1.22. Sobre o emprego da primeira pessoa como novidade herodotiana, em contraste com a forma tradicional homérica, não intrusiva, de narrar, a qual Tucídides adere, cf. ROCHA, 2008, p. 59.

¹² Cf. M. SELIGMANN-SILVA (2009, p. 130-132) e a proposta de ler o GSV como um dispositivo confessional para a construção da verdade e do indivíduo. Sobre a narrativa como meio de presentificação do passado, meio privilegiado pelo traumatizado que sofre de excesso de memória – caso tanto de Riobaldo quanto de Tucídides –, *ibidem*, p. 135-136. Outro modo de pensar a questão é pelo prisma da imaginação romântica, que “makes the subjunctive seem inherently superior to the indicative”, como “an implicit comment on the paucity of the present” (EAGLETON, 2014, p. 103).

¹³ Sobre a importância estrutural da reflexão para a configuração da narrativa cf. RONCARI, 2004, p. 79, ROSENFELD, 2006, p. 154-155, que a discute em associação à centralidade de “O espelho” nas *Primeiras histórias*, e p. 385-387 (“A divisão mediana”) e ROWLAND, 2011, p. 226-237, que identifica nessa seção do GSV um espaço de “curto-circuito entre a autoria e a recepção, em que a releitura pode ser proposta no lugar da continuação da narração, e em que esta é definitivamente contaminada com a consciência da repetição” (p. 236), definindo “o meio como o lugar dessa resistência” (i.e., prolongamento e negação de um final) (p. 237).

¹⁴ A questão tem desdobramentos muito mais amplos, sobretudo quando associada ao problema do mal, que não discutirei neste texto. Cf. a respeito ROSENFELD, 2006, p. 217-248, 289-293 e 373-384 (sobre os causos do início do GSV até o encontro com o Menino, sobre Zé Bebelo e Hermógenes, *passim*); SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 139-141 (sobre Maria Mutema) e MAZZARI, 2010, p. 17-91 (sobre o pacto).

¹⁵ “Tem cisma não. Pensa para diante” (p. 395), responde Quelemém quando Riobaldo acaba de narrar a própria história uma primeira vez.

¹⁶ Sobre a diferença entre ficção e mimesis: “[a] mimesis ancora a obra no mundo. [...] A mimesis procura o subsolo” (LIMA, 2006, p. 207); “[a] diferença da mimesis, na ficção tematiza-se o ato da imaginação produtora e não a sua articulação com uma certa comunidade ou sociedade humana. Toda ficção supõe uma mimesis em ação, ainda quando, de imediato, seja impossível reconhecê-la” (*ibidem*, p. 211; itálicos e destaques no original).

¹⁷ LIMA, 2006, p. 119. Pouco acima, à mesma página, o autor escreve: “à medida que o ficcional se liberta, e nunca o será de todo, dos mecanismos de controle, e nunca pretende dizer a verdade do que foi, seu critério de apreciação fundamental concerne à sua construção verbal. Mas o acerto de princípio das duas abordagens apresenta riscos também imediatos: para a escrita da história, o descaso da construção verbal a que é correlato o elogio do estilo como uma prenda extra. Não se trata de que assim se desconsidera a dimensão estética da historiografia (!), mas sim de que, tomando a linguagem como mera transparência para o registro de conteúdos, o analista da historiografia ou o próprio historiógrafo não se preparam para perceber como a composição dos eventos e a função assegurada a instituições e planos de análise (econômica, política, sóciopsicológica etc) afetam a própria constituição do objeto historiográfico”.

¹⁸ Casos, por exemplo, de Temístocles, Brásidas, Demóstenes ou Gilipo.

¹⁹ “Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha”, “[n]ão pensei nada. Eu tinha o medo imediato. E tanta claridade do dia”, “[o] menino sorriu bonito. Afiançou! – Eu também não sei. Sereno, sereno. Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz” (p. 70); “[s] entamos, por fim, num lugar mais salientado, com pedras, rodeado por áspero bamburral. Sendo de permanecer assim, sem prazo, isto é, o quase calados, somente” (p. 71); “[o] menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na côxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim. Mas o menino não se aluiu do lugar. E limpou a faca no capim, com todo capricho. – Quicê que corta... – foi só o que disse, a si dizendo. Tornou a pôr na bainya” (p. 72).

²⁰ “Voz minha se estragasse, em mim tudo era cordas e cobras. E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu – que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido. Me ouviu, a conforme a ciência da noite e o envír de espaços, que medeia. Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adêjo, um gozo de agarro, daí umas tranquilidades – de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai. Vi as asas, arqueei o pulso do poder meu, naquele átimo. Aí podia ser mais? A pta, eu querer saldar: que isso não é falável. As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!” (p. 275). Pouco depois, porém, já no acampamento: “[t]udo agora reluzia com clareza, ocupando minhas ideias, e de tantas coisas passadas diversas eu inventava lembrança, de fatos esquecidos em muito remoto, neles eu topava outra razão; sem nem que fosse por minha própria vontade. Até eu não puxava por isso, e pensava o qual, assim mesmo, quase sem esbarrar, o todo tempo.” (p. 276).

²¹ “E que o furor da guerra, lá fora, lá em baixo, tomava certa conta de mim, que a quase eu deixava de dar fé da dôr-de-cabeça, que forte me doía, que doesse vindo do céu-da-boca, conforme desde, aos poucos, que o fogo tinha começado. E que água não provei bebida, nem cigarro pitei. Esperançando meu destino: desgraça de mim! Eu! Eu...” (p. 385); “[a] tirar eu pude? A breca torceu e lesou meus braços, estorvados. Pela espinha abaixo, eu suei em fio vertiginoso. Quem era que me desbrava e me peava, supilando minhas forças? – Tua honra... Minha honra de homem valente!... – eu me, em mim, gemi: alma que perdeu o corpo. O fuzil caiu de minhas mãos, que nem pude segurar com o queixo e com os peitos. Eu vi minhas agarras não valerem! Até que trespassei de horror, precipício branco” (p. 386); “[c]onforme conto. Como retornei, tarde depois, mal sabendo de mim, e querendo emendar no tempo, tateando com meus olhos, que ainda restavam fechados. Ouvi os rogos do menino Guirigó e do cego Bóromeu, esfregando meu peito e meus braços, reconstituindo, no dizer, que eu tinha estado sem acordo, dado ataque, mas que não tivesse espumado nem babado. Sobrenadei. E, daí, não sei bem, eu estava recebendo socorro de outros – o Jacaré, Pacamá-de-Prezas, João Curriel e o Acauã –: que molhavam minhas faces e minha boca, lambi a água. Eu despertei de todo – como no instante em que o trovão não acabou de rolar até ao fundo, e se sabe que caiu o raio...” (p. 387); “– A Deus dada. Pobrezinha...”

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço! – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A côice darma, de coronha...

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei

foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucúia, como eu soluzei meu desespero.” (p. 389)

²² Sobre a negatividade fundamental – nonada – e condição da positividade, cf. ROSENFELD, 2006, p. 209-210 e 281-283 (a respeito de Diadorim); sobre a prova, no testemunho, como falta, de modo que “o testemunho dá a ver o ‘nada’, o vazio”, cf. SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 144; sobre a matriz idealista da questão, cf. EAGLETON, 2014, p. 52.

²³ De modo talvez o mais nítido quando Riobaldo afirma “[q]ue isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...” (p. 145). Quando inicia a reflexão do meio da travessia, Riobaldo pergunta diretamente: “[m]inha vida teve meio-do-caminho?” (p. 200).

²⁴ Minha leitura da estória não desconsidera seu caráter irônico e paródico, conforme discutido por PACHECO, 2006, p. 221-242 e ROSENFELD, 2006, p. 119-138.

²⁵ Sobre o problema da verdade como ânsia por um mundo estável – o que não é o caso nem de Tucídides, nem de Riobaldo – cf. LIMA, 2006, p. 242.

²⁶ Em outros termos: ironia aqui não diz respeito à figura de linguagem ou pensamento que nomeia a (dis)simulação, afim da hipocrisia e inconcebível, por exemplo, no texto de um historiador que afirma dedicar-se à investigação da verdade. O problema da ironia é ora pensado sob a definição de “ironia dramática”, de fundo socrático, proposta por M. Jay (2013, p. 38): “[t]he relevance of dramatic irony for historical narratives is obvious, even more so than the Socratic variant because of its frequent exploitation of the gap between intentions and outcomes”. A argumentação neste ensaio tem por base a reflexão de R. Rorty (1989), sobre redescritção e narrativa (especialmente o capítulo 4 e as definições sintéticas das p. 144: “ironist – people who never had any doubt about the final vocabulary they employ” e p. 186: “ironist – the person who has doubts about his own final vocabulary, his own moral identity, and perhaps his own sanity”). Dada a concepção de ironia aqui enfocada, é preferível ler nos passos de Rorty uma necessária complementação mútua, antes que contradição ou lapso do autor. Sobre a ironia e a auto-ironia de Riobaldo, cf. BOLLE, 2004, p. 40-1; de Guimarães Rosa, cf. ARRIGUCCI JR., 1994, p. 25; HANSEN, 2012, p. 123.

²⁷ “Quanto pronunciou cada um que estava na iminência de combater ou já nela engajado, foi-me difícil recordar a exatidão mesma do que foi dito e que eu mesmo ouvi, ou quando me foi reportado por terceiros. Tal qual me pareceu próprio do que cada um tenha falado em cada circunstância, a mim que me mantinha o mais próximo do conteúdo global do que foi realmente proferido, assim está dito. Decidi relatar as ações praticadas na guerra não ao me informar junto a qualquer um, nem como bem me parecessem, mas examinando uma a uma, em toda precisão possível, aquelas às quais eu mesmo estive presente e as que soube de terceiros. Descobrir é difícil, porque cada um dos presentes às ações não diziam o mesmo sobre elas, mas conforme simpatizava com cada parte ou recordava” (Th.1.22.1-3).

²⁸ Também em outros passos Tucídides manifesta claramente a distância que toma de outros referentes: de Heródoto (1.23.1, sem nomeá-lo mas em clara alusão); de Helânico e demais predecessores (1.97.2); de Homero (1.9.3, 1.10.3, 6.2.1).

²⁹ “To the extent that an event is irreducible to its enabling context, intellectual or artistic events are also best grasped in terms of what they make possible rather than what makes them possible” (JAY, 2011, p. 566). O argumento radica no trabalho de C. Romano: “[f]or the historian, the upshot of all this is that for the class of extraordinary happenings that justify the label ‘event’ – and it seems likely they are a small, if significant, minority – contextual explanation, however we construe it, is never sufficient. As Romano puts it, ‘understanding events is always apprehending them on a horizon of meaning that they have opened themselves, in that they are strictly nonunderstandable in the light of their explanatory context’ (EW 152). If this is true for events in general, it is perhaps more so for those we might call events in intellectual history” (idem, p. 567).

³⁰ SOARES, 2010, p. 573. O conceito de *mimesis* trabalhado por P. Ricoeur e central ao pensamento de M. Soares (2010; 2011) integra igualmente o horizonte de reflexão de Costa Lima (2006, p. 385).

³¹ Sobre as noções de irrealização, realização, transgressão e imaginário: ISER, 2013, p. 33 e LIMA, 2006, p. 282-285; para a noção de configuração e desdobramentos advindos da reflexão ricoeureana: SOARES, 2010.

³² Etimológica e tradicionalmente (II.18.501 e 23.486; Hes.*Op.*792; Heraclit.fr.35DK; Hp.*Jusj.*2), ἵστωρ (ou ἰστωρ) denota o indivíduo cuja prudência lhe permite ajuizar e fazer ver a verdade dentre versões conflitantes sem que necessariamente houvesse presenciado a situação que as engendrara (PIRES, 2003, p. 133-5). Ao exercício dessas facultades os gregos denominaram ἱστορία. Cf. também HARTOG, 2005. Sobre os antecedentes retóricos antigos da noção de “fazer ver” e sua retomada na modernidade: SOARES, 2010, p. 420-421 e, em especial, p. 556-561, sobre a representância da história e os modos como o historiador a constrói; e ainda SOARES, 2011, GRETHLEIN, 2013, p. 92-3 e 114-8. Em tempo: Tucídides jamais emprega ἵστωρ ou ἰστωρία. É sua atitude, mais do que o conceito, que fundamenta a afirmação. Além do passo mencionado, também já no primeiro parágrafo contrapõe a impossibilidade de *saphôs heuréin* o passado longínquo à forçosa limitação da crença nele (1.1.2). Sobre a dissolução de categorias abstratas tradicionais por Guimarães Rosa em benefício de uma narrativa vivaz, cf. BOLLE, 2004, p. 394; HANSEN, 2012, p. 129.

³³ Sobre a questão da referencialidade e da prefiguração como definidoras da história por contraposição à ficção, cf. respectivamente SOARES, 2010, p. 347-56 e p. 483-509.

³⁴ Por exemplo: 1.76.2 (ἀπὸ τοῦ ἀνθρώπειου τρόπου), 3.45.7 (τῆς ἀνθρωπείας φύσεως), 3.82.2 (ἡ αὐτὴ φύσις ἀνθρώπων), 3.84.2 (κρατήσασα ἢ ἀνθρωπεία φύσις), 4.61.5 (τὸ ἀνθρώπειον).

³⁵ A respeito da peste, Tucídides escreve que “eu, que fui acometido e vi outros padecendo, direi como ela ocorreu e mostrarei o que, se examinado (ἀφ’ ὧν ἂν τις σκοπῶν) caso porventura volte a acontecer, redundará em máxima previdência não despreparada” (2.48.3). Sobre a função crucial do κτήμα como vínculo entre conhecimento do passado e entendimento do presente, cf. RAAFLAUB, 2013.

³⁶ E do mesmo modo concluído: “atenienses e peloponésios retiraram-se de Pilos para casa cada um com seu exército;

e a promessa de Cleão, embora insana, concretizou-se: em vinte dias ele retornou com os soldados conforme havia proposto. Esse foi para os gregos o evento mais ilógico (*parà gnómen*) desta guerra” (Th.4.39.3-40.1). Também no diálogo mélio as menções à *týkhe* são recorrentes (e.g., 5.104, 111.3, 112.2 e 113). Sobre as funções e âmbitos de *gnóme* e *týkhe* para Tucídides, cf. EDMUNDS, 1975.

³⁷ Riobaldo reforça o caráter fortuito e promissor do encontro cumulando-o de questionamentos: “onde é bobice a qualquer resposta, é aí que a pergunta se pergunta. Por que foi que eu conheci aquele Menino? O senhor não conheceu, compadre meu Quelemém não conheceu, milhões de milhares de pessoas não conheceram. O senhor pense outra vez, repense o bem pensado: para que foi que eu tive de atravessar o rio, defronte com o Menino?” (p.73).

³⁸ K. Rosenfield (2006, p. 288) assim introduz a questão: “[a] ‘nebulosa’ associativa, reflexiva e rememorativa, que constitui esse romance, parece, na verdade, densificar-se em torno de uma problemática especulativa e filosófica que nos coloca a pergunta geral e de cunho universal: ‘Em que consistem a essência e a verdade da guerra?’ e ‘o que essa verdade nos revela do ser humano?’”. Se o início é peculiar ao GSV, a segunda metade também se inscreve na narrativa de Tucídides.

³⁹ A conclusão de HANSEN, 2012, p. 126 ilustra o procedimento: “[a]ssim, quanto mais Deus e o diabo se enchem de ser, mais se esvaziam no nada; e quanto mais se esvaziam, mais se tornam a encher, para novamente esvaziar-se, nonada”.

⁴⁰ Diodoto, filho de Êcrates, é personagem mencionada somente por Tucídides e na referida ocasião. Não escapou a S. Hornblower o quanto “é artisticamente satisfatório ver o famoso e perturbador Cleão confrontado e derrotado, em seus próprios termos, por uma figura totalmente obscura que então se retira para as sombras de onde viera” (1991, p. 432). Valeria mencionar também o quanto os nomes de filho e pai são evocativos no contexto da fala daquele.

⁴¹ “É difícil adotar um tom justo quando a apreciação da verdade dificilmente está em bases firmes” (Th.2.35.2).

⁴² Para a discussão de outros exemplos de vazios de significação em Guimarães Rosa e necessidade da suplementação por parte do leitor, cf. HANSEN, 2012. PASTA JR., 1999, p. 65 atenta para as dificuldades do leitor para “explicar a indeterminação”.

⁴³ Os propositores da *historia magistra uitae* têm em Tucídides sua principal referência e pelem por responder a questões como as formuladas por Riobaldo: “[o] senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucúia é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei” (p. 387).

⁴⁴ Heraclit.fr.124 D-K: ὄσπερ σάρμα εἰκῆ κεχυμένον ὁ κάλλιστος [ὁ] κόσμος.

⁴⁵ Para todas as menções ao original grego de Platão: PLATONIS, 1968. Em tempo: Tucídides, falecido pouco após o fim da Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), não conheceu o *Timeu*, um dos últimos diálogos de Platão (428/7-348/7 a.C.) escrito em anos de maturidade.

⁴⁶ Sobre o bem como totalização fundante do cosmos para Platão cf. *Rep.*508b-c.

⁴⁷ Sobre a figuração contemporânea de uma divindade maior – no caso, o deus cristão e ocidental – como signo e pressuposto garantidor de sentido e profundidade, cf. EAGLETON, 2014, p. 154-160.

⁴⁸ Uma glosa à meditação de Platão, que igualmente condensa os intentos tanto de Tucídides quanto de Riobaldo, é o poema “Saudade”, ao final de *Magma*, sobretudo suas duas últimas estrofes: “Saudade triste do passado, / saudade gloriosa do futuro, / saudade de todos os presentes / vividos fora de mim!... // Pressa!... / Ânsia voraz de me fazer em muitos, / fome angustiada da fusão de tudo, / sede da volta final / da grande experiência: / uma só alma em um só corpo, / uma só alma-corpo, / um só, / um!... / Como quem fecha numa gota / o Oceano, / afogado no fundo de si mesmo...”. Muitos anos depois (carta de 2 de abril de 1965), C. Meyer-Clason enunciará explicitamente ao amigo a comparação: “o Senhor é um demiurgo (Demiurg) que paira sobre suas águas nebulosas e ordena o desordenado” (BUSSOLOTTI em ROSA, 2003, p. 281).

⁴⁹ Restrita à historiografia e fundada em um problemático contraste entre história e ciências naturais, como se se tratasse da oposição entre conhecimento teórico e prático: BURGER, 1978, p. 17.

Abstract

The shaping of narrative in *Grande Sertão: Veredas* and Thucydides

This essay discusses three procedures of narrative shaping common to Riobaldo and Thucydides: the glimpse of a pause for lucid reflection, the foundational question and the silent indeterminacy of multiplicity. By examining its articulations in each narration, this assessment aims both to contribute to the understanding of one by the other and to formulate a theory of textual narrative which emphasizes and orchestrates how historiography contributes to fiction and vice versa.

Keywords: *Thucydides, Grande Sertão: Veredas, Narrative Theory.*